

A VOZ DO POVO

ORGÃO DE IDÉAS REPUBLICANAS

REDACÇÃO DE DIVERSOS

Propriedade de uma associação

ANNO I

SANTA CATHARINA—DESTERRO—DOMINGO, 31 DE MAIO DE 1885

NUMERO

EXPEDIENTE

Por enquanto publica-se este jornal aos domingos.

—o—

ASSIGNATURAS:

CAPITAL

Semestre.....4\$000

PELO CORREIO

Semestre.....5\$000

NUMERO AVULSO 100 réis

Despachado adiantado

—o—

Os autographos que nos forem enviados não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados.

—o—

Publicam-se annuncios por preços rasoaveis.

—o—

Qualquer publicação, não sendo contraria às idéas des-

te jornal, serão feitas por preços muito favoreis.

—o—

E' impresso este jornal no Gabinete Typographico à rua do Principe n. 63, onde se darão quaesquer informações.

A VOZ DO POVO

Desterro, 31 de Maio de 1885.

Já era tempo de vir á luz da publicidade, na capital da provincia de Santa Catharina, um órgão que fizesse alguma coisa... progresso; que propale, taes como são, as idéas dos principios mais modernos; que discuta com base e fundamento as questões dos negocios publicos e officiaes, tendo sempre como norma de conducta a verdade de suas asserções; que

vele pela causa da instrucção publica, que educa e civilisa e conduz os povos á felicidade; que se occupe com afan dos interesses do commercio, da lavoura e das artes,—fontes de riqueza em nosso paiz; que não se polua, nem se abastardeie, nem se venda aos corruptos e corruptores da politica monarchica, viciada e interesseira, que, dirigida com erro e especulação, degrada os povos e acarreta o atrazo dos paizes mais avançados; que faça o governo, e seus delegados, a cujo cargo estejam os negocios da provincia, cumprirem rectamente os seus deveres, inherentes aos interesses mais palpitantes do povo, tendo diante de si o respeito a Deus, á lei e á sociedade.

Eis o nosso programma que, — depois de conhecido pelos homens sem sensações politicas que especulam com nossos interesses e o progresso da patria, atrasando, corrompendo, o laxarão mentiroso e especulador. Que nos importa?... Si remos a nosso favor a opinião dos homens crioulos... OSOS!...

Forma de governo

A missão da imprensa republicana e a dos honrados que n'ella ou fora d'ella manifestam suas idéas em opposição ás monarchicas, não certamente como meios em a de desthronar para romper e revolucionar, é exclusivamente pugnar pela organização d'um governo que respeite o direito e a

FOLHETIM

ALFREDO DE SARMENTO

A' SÉSTA

(CONTOS)

AS MÃS LINGUAS

I

—Eu não lhe dizia, sra. Perpetua, que tarde ou cedo tudo se havia de descobrir.

—Ai, sr. mestre Ignacio, não é porque eu me importe com as vidas alheias, mas metter assim os dedos pelos olhos á gente...

—Não reparou como ella ia toda soberba, assentada no trem, ao lado do janota?

—Olhe mestre, ha muito que eu dizia com os meus Lotões, que alli havia o que

quer que fosse. Póde nunca a filha de um triste operario andar sempre com tanto luxo e feita senhora? O pae ganha apenas o pão de cada dia, e o que lhe póde render a ella o seu trabalho de agulha, um miseravel vestido de chita?

—Vestido de chita, ora essa! Pois a vizinha não a viu hoje com o cordão de ouro e relógio?

—Vi, pois não vi. A que tempo chegámos, Santo Deus! Olhe lá não o ganhisse ella com as suas costuras. Pela bocca morre o peixe; o pae que fallava tanto em honra, caiu-lhe o raio em casa, e lá vae a filha pelo caminho de muitas outras que elle abocanhava.

—E o que dirá a isso o Jeronymo?

—Quem, o noivo da pequena? Ora o que ha de dizer, despede-se á franceza, que elle não é para graças, e vae procurar rumo por outro norte.

—Pois, segundo creio, o casamento estava para breve.

—Disse-me a Thereza, capellista, por uns certos zuns-zuns que lhe chegaram aos ouvidos, que elles deviam ir á igreja em dia de S. Jeronymo, que é o santo do nome do noivo.

—Ora veja a sra. Perpetua a que um pobre homem anda exposto: gasta o seu dinheiro em pôr casa, sabe Deus com que sacrificios, e acontece-lhe uma d'estas!

—A culpa teve-a elle; raparigas não faltam por ahí, sérias e recatadas, que não se envergonhão da classe a que pertencem. Para que escolheu semelhaute delambida? Eu, Deus me perdoe, amolei sempre o caso; a mim não me enganou ella.

—E d'ahi, soberba como uma fidalga; quasi que fazia favor em dar os bons dias á gente.

—Por isso mais de uma vez lhe fechei a porta na cara; não me fazia conta aquelle conhecimento, porque felizmente cheguei á idade que tenho, sem ninguem ter nada que me dizer.

—Isso sei eu, sra. Perpetua; mas em que acabará aquillo tudo?

—Pouco viverá quem lhe não vir o final. Olhe, mestre, eu tenho que fazer, mas como vocemecê está ahí na loja, avise-me quando elles vierem da funcanata; quero ver com que cara aquella mosquinha morta se apresenta á vizinhança.

—Vá descaçada, vizinha, que é pratinho que eu não perco.

Os interlocutores d'este innocente e ralissimo dialogo, eram a sra. Perpetua, mulher de cincoenta annos, e mui tomente a Deus e não menos ao proximo, que depois de ter figurado espaço de trinta annos em afreguezada na praça da Figueira, juntára um speculio, e estabelecera-se com casa e uhores; e mestre Ignacio, barbeiro e afamado no bairro, pela sua erudição no que dizia respeito á alheias.

Ora, entre a sra. Perpetua e o escanhoador havia mais de um p contacto.

Ella, como verdadeira filha de Fera, possuia em subido gráo esse instinto fatal que levou a acompanhadora de A ser expulsa do paraizo; elle, por uma vez a maldita pecha da curifizera—o passar um quarto de hora e rado.

Pelo que respeita á má lingua, ambos de uma desenvoltura mara.

D'ahi accera excellento camarad respeito reciproco. Havia, porém, tempo, que estas duas almas tão instinctivas e sentimentos, se davam á mingua de pequeninos escandalos, trigas de soalheiro com que dar va lis corrosiva que os contaminava.

omia do povo e que seja es-
lhido, votado e eleito pela
maioria d'este, que é o ver-
dadeiro soberano; d'um go-
verno que encare os nego-
cios do progresso e engran-
dimento do paiz, como lh'o
opõem o brio e a dignidade,
semilhança da França e
dos Estados Unidos, onde a
vista dos homens que estão à
frente dos negocios publicos é
claros os interesses do povo e
conservar illéza a honra na-
cional; d'um governo como
dessas duas nações, tão
importantes quanto respeitá-
veis, que só empregam ao
serviço de suas repartições
publicas tantos empregados
quantos sejam indispensá-
veis ao serviço publico, sem
delles sobeje tempo para
lestras inúteis nos corre-
dores e ante-camaras das
diferentes repartições, o
que não se observa nem se
observa em nosso paiz, onde
para o serviço que quatro ou seis
empregados poderiam fazer
já a cargo de dez, doze e
mais, para proteger a filha-
da do governo e dos chefes
políticos com os fundos dos
trez publicos, que deviam
ser applicados á amortisa-
ção da divida externa e in-
terna do Imperio, ou á causa
de libertação ou da agricul-
tura, que tanto reclamam a
sua attenção; d'um gover-
no que, na gerencia dos ne-
gocios do Paiz, não os tor-
nando na devida considera-
ção, segundo a norma adop-
ta, o povo que o elegeu te-
ria o poder para substituí-lo,
constituindo-o; d'um gover-
no finalmente, que, por meio
de delegados commissiona-
dos, facilite meios de indus-
tria e empregar centenas e
centenas de creaturas, en-
gates á ociosidade e indo-
cência, espalhadas nos cen-
tos de todas as provincias,
e meios mais de empre-
sar seus dias n'um trabalho
procrioso, porque não sabem
o que e de que modo o hão
de fazer.

E' assim que entendemos
exigir um fórma de governo
aos nossos negocios e aos
nossos destinos.

N'este paiz tão rico, tão
fertil de terrenos uberrimos,
ainda a maior parte por cul-
tivar, que podem fazer mil-
lhares de fortunas, é que se
precisa d'um governo sisudo,
reflectidor, composto de ho-
mens honestos, virtuosos,
practicos da lavoura, do com-
mercio, das artes, aptos as-
sim a sabermos administrar
os altos interesses nacionaes
que constituem o engrande-
cimento da patria.

E, entretanto, é o que não
se observa no paiz, no nosso
paiz fadado para melhor sor-
te.

Se o nosso monarcha, para
constituir governos, chama-
se homens sisudos, independen-
tes, nas condições a que
nos referimos, practicos dos
mysteres e do serviço co-
mum, a cada pasta mi-
nisterial, não teriamos como
temos tido á frente dos nego-
cios da Agricultura commer-
cio e obras publicas, mari-
nha, guerra e fazenda, uma
chusma de doutorsinhos que
poderão achar-se muito ha-
bilitados a defender uma
causa pendente de chicar-
na, mas nunca a conhecer
d'aquelles ramos que são
completamente estranhos ao
seu saber, porque os não es-
tudaram nem theorica nem
praticamente: inhabeis, por-
tanto, a dar-lhes a optima
dircção que carecem.

Eis as nossas idéas.

E. F. D. PEDRO I

Tomámos na devida consideração
a noticia que nos forneceu o *Des-
pertador* de 9 do corrente, jornal
que se publica nesta capital e que
a tirou das columnas da *Folia No-
va*, que tambem se publica na côr-
te, e a que nos proporcionou o
collega *Regeneração* do dia 13, em
seu artigo de fundo, relativas á res-
cisão do contracto da Pedro I.

Por carecerem essas noticias de
muita attenção, é que sobre o as-
sumpto que versam vamos escrever

algumas palavras, e oxalá que ellas
aproveitem, que não sejam levadas
nas azas da brisa, como acontece
quasi sempre que se trata na im-
prensa séria de assumptos de sub-
sta importancia como é este.

Se essas noticias e os boatos que
circulam desde novembro do anno
p. p. teem o cunho da verdade, o
que cremos, é motivo de sobra para
que a nossa população se conster-
neça, se desanime e se atterrisse,
como tem acontecido desde aquella
epocha.

Parece que a provincia de Santa
Catharina está condemnada ao pou-
co caso do governo! Mas, nós, em
nome do povo, não deixaremos esse
acto passar desapercibido, se elle
com effeito consumir-se, sem pro-
testar energicamente contra o go-
verno que lhe dê execução. A te-
rem fundamento essas noticias, pe-
la sua veracidade, resta-nos o direi-
to de perguntarmos ao governo
em que bases se fundou para propor
a companhia *D. Pedro I* a rescisão
do contracto que autorisa a con-
strucção dessa estrada?

Onde está o relatorio que o en-
genheiro chefe da commissão fis-
cal apresentou ao governo de sua
obrigação, ao governo? já foi elle
publicado para conhecimento dos
interessados? Sabe alguém sobre
que versa o seu assumpto? já foi
submettido ao parecer dos poderes
administrativos? O povo precisa
saber de tudo isto e mais ainda:

Estará o governo disposto a sa-
tisfazer a exigencia que a compa-
nhia faz de 10:000:000\$000 como
indemnisação pela rescisão do re-
ferido contracto? Duvidamos de
semelhante absurdo, a menos que
o governo não tenha perdido de
todo a cabeça; e quando elle, alle-
gando que o paiz atravessa uma
crise terrivel, commetta semelhan-
te attentado aos cofres publicos
e aos interesses do paiz e muito
principalmente aos desta provincia,
com mais direito e razão lhe per-
guntaremos ainda:

Porque não preveram isso quan-
do discutio-se e legislou-se sobre
esse assumpto, outr'ora considera-
do de importancia e necessidade?
Será essa rescisão, que se recebe
espera, baseada na opinião de
algum engenheiro, que, como o Sr.
Firmo José de Mello, se declaras-
se contra a construcção dessa estr-
da, allegando que ella não offerce
vantagens? Mas neste caso essa
opinião, aliás infundada, deve con-

star do relatorio que a commissão
fiscal devia ter apresentado ao go-
verno! Dêsse-lhe publicidade, e, se
o seu autor, como é natural, fôr o
Sr. Firmo de Mello, engenheiro
chefe dessa commissão, nós não nos
admiraremos, porque ainda s.s. mal
tinha chegado aqui para dar come-
ço aos trabalhos de que se havia en-
carregado, sem que para esse fim
tivesse dado o menor passo e obtido
o menor conhecimento e noção, já
asseverava aos seus amigos que por
aqui transitavam que essa estrada
não se construiria porque ello não
queria, porque Santa Catharina não
a merecia nem a precisava e que
no seu relatorio e mais infor-
mações que prestasse ao Governo,
a sua opinião seria aconselhal-o a
rescindir o contracto.

Em vista, pois, da opinião sus-
peita e premeditada do Sr. Firmo
de Mello, já muito conhecido aqui
como inimigo desta provincia, po-
derá o governo basear-se nella, se é
que assim lh'a expoz, para rescindir
o contracto com a « Pedro I ».

Não, de certo, porque o enge-
nheiro, chefe d'uma commissão,
que antes de proceder aos estudos
preliminares d'uma estrada de fer-
ro, sem ter delles o menor conheci-
mento, se manifesta contra a sua
construcção, talvez pelo simples
facto de lhe não serem dispensadas
mil zumbaias, á sua chegada a es-
ta capital, não pôde merecer crite-
rio algum a sua opinião exharada
no relatorio apresentado por elle ao
governo.

Ainda em todas as hypotheses o
governo não tem razão para pro-
pôr a rescisão do contracto da «Pe-
dro I» porque, ainda mesmo presu-
mindo-se que a estrada prejudique
os cofres publicos durante 10 an-
nos depois de sua construcção no
dobro da quantia que a companhia
exige prseentemente, para rescin-
dir o contracto, ha a vantagem de
ficarem as duas principaes provin-
cias do sul ligadas e dotaças com
este grande melhoramento, que
constituirá o seu engrandecimento
e o beneficio para o paiz; ao passo
que tendo lugar essa rescisão me-
diante aquella somma fabulosa ou
outra aproximada, perdem as duas
provincias a realisação desse gran-
de « desideratum » e os cofres pu-
blicos os seus haveres, em perda
total para o paiz, em beneficio uni-
camente da companhia, que dirá
que está disposta a satisfazer as
vantagens e caprichos do governo

som que tudo lhe seja pago e bem pago.

E tem razão.

O mal de todos os paizes, onde a causa do progresso é encerrada como ponto de especulação por parte dos que a tem a seu cargo, é a negociação fraudulenta com as empresas de grande vulto, praticada pelos ministros que se autorizam a desperdiçar os fructos de nossas rendas, depositados nos cofres do thesouro, donde sahem mais tarde, em proveito dos especuladores e delapidadores desses haveres com que a Nação conta para bem do seu futuro engrandecimento!

Para evitar que d'ora avante sejamos contaminados por esse mal, é preciso que cada cidadão comprehenda qual é a sua missão e a sua autonomia, se é que se interessa pelo bem de sua patria, que geme e agonisa e lhe pede auxilio.

Elemento servil

Os negocios da politica, mas da politica tacanha, tem occupado a attenção dos « Augustos e Dignissimos » representantes da Nação, no Senado e na Camara dos srs. Deputados, a tal ponto que só lhes sobra um pouco de tempo para se occuparem da questão do elemento servil, ainda sem estar resolvida!

Que lastima!

Os grandes e palpitantes interesses do paiz que fiquem preteridos, esquecidos mesmo, para somente serem applicados o zelo e actividade dos seus representantes em bixas e mesquinhas questões da especuladora politica que cava a ruina da Nação!

E' uma indignidade!

Nunca d'antes e depois da guerra do Brazil com o Paraguay passamos por uma crise igual a que atravessamos! O cambio oscilla, tendendo a baixar; o credito do paiz sente-se abalado; os bancos limitam as suas transacções; a lavoura definha; o commercio, paralyzado d'uma maneira assustadora, resume as suas transacções, ameaçado de prejuizos avultados, o que diminuo consideravelmente os rendimentos do Imperio e desanima a classe que nelle se occupa e nelle emprega os seus e alheios capitaes, e, finalmente, os operarios e artistas de cujos salarios se sustentam milhares de familias, empregados na industria nacional, abatem-se ao

peso do infortunio que os acommette, sem trabalho, sem meios para viverem e sem esperança de melhorarem de sorte!

E' uma calamidade!

A má direcção do governo na questão do elemento servil collocou o paiz, sinão ameaçado d'uma bancarrota, ao menos n'uma situação assustadora. Consequencia de pretenções absurdas e de projectos de leis mal elaborados.

O governo não pôde querer a libertação sem indemnisação, porque isso é um attentado aos direitos de propriedade.

Não somos escravocrata; ao contrario reconhecemos que a escravidão é um cancro social, uma noção que mancha uma das paginas da nossa historia e uma propriedade que nos repugna tanto como deve repugnar a todos que a possuirem.

Mas não é legal essa propriedade? não tem o senhor do escravo empregado n'elle o seu capital tão legalmente como se o tivesse empregado n'um predio? não paga os impostos com que sobre elle é tributado? Logo, se a lei dá direito de propriedade sobre ella manda o governo cobrar impostos, reconheca a legalidade, e uma inconstitucionalidade, um attentado querer destituir d'ella o seu proprietario sem indemnisação d'uma quantia aproximada ao seu valor, que, na epocha presente como na futura, não pôde ser de grande monta.

Entenlemos que para conseguir a libertação dos escravos no Brazil ha um meio muito facil; e se o governo lançar mão d'elle serão benéficos, uteis e aproveitaveis os seus resultados.

Eil-o:

Apresente-se á Camara um projecto de lei, bem elaborado, determinando que no fim de quatro annos serão livres todos os escravos que existirem no Imperio; creando um *Fundo de Libertação*, para o qual revertirá o resultado d'um imposto de 1/2% com que deverão ser tributados os possuidores das apolices, a Divida Publica e trinta mil réis que deverão pagar annualmente os possuidores de escravos, por cada um, sem outro onus, durante quatro annos; e findos estes, com o producto deste e daquelle imposto, que será sufficiente, o governo indemnizará os possuidores

dos escravos com quantias que sejam reactivas ás suas idades e valores, que deverão ser calculados em relação ás suas idades e conforme o estado da saude que gozarem.

Os proprietarios de escravos não terão razão de chamar contra os legisladores que os tributarem com esse imposto, porque não é elle exagerado e vai reverter no fucturo em seu proveito proprio; e menos razão terão os possuidores de apolices, que ficam pagando um tributo suave, com que já de ha muito deviam concorrer, visto que a apolice é uma propriedade em que o capitalista emprega os seus capitaes como na compra ou construcção de um predio de que paga impostos. E depois, se os bancos não pagam premios de 6% pelas quantias que nelles se depositem, porque os ha le o governo pagar?

Portanto é justa a contribuição.

NOTICIARIO

Por noticias que colhemos dos jornaes da corte sabemos que o governo rescindio o contracto da garantia de juros de 6% com a companhia da E. F. da Victoria à Natividade mediante a indemnisação de L.70:000 ou mil contos de reis aproximadamente.

E' uma *bagatella* que sae dos cofres publicos! E' uma gota d'agua que cae no oceano Inglez!

Lamentamos a direcção dos negocios do Brazil e invejamos a fortuna, a direcção e a actividade dos inglezes.

Mire-se o povo nestes espelhos e, depois que conhecer d'onde procede o mal, cumpra o seu dever!...

Pessoas de reconhecido criterio e influencia, distinctos catharinenses, manifestam francamente desejo de unir esta provincia á do Rio Grande do Sul, no intuito de melhorar os destinos desta terra para onde o governo não presta a importancia e attenção precisas.

De accordo com a opinião

dos que assim pensam, zemos votos para que se lizem esses intentos.

Venha a felicidade e a cisão completa do povo progresso da provincia meios, finalmente, de grandecimento, e não fmos questão de sermos tharinenses ou Rio-Grandes, desde que somos sen, brasileiros.

Já é tempo de irmos por as manginhas de fora

O ajardinamento da pr do Barão da Laguna, que estava parecendo esquecido vai ter o seu principio brevemente, segundo nos a mam alguns membros vereação da illustre idade.

Bem vindo seja esse m lhoramento.

Será para nós um pra immenso, quando, dep d'elle concluido, os visjari que, de passagem ou he dagem, nos visitarem, junto ao desembarque eno trem, como nos alegres e creativos *boulevards* Pariz, um jardim pittoresco amenizador onde, n'uma te poetica de verão, ao n cer da lua, ou n'uma mar esplendida de primavera, romper do sol, possam go as delicias do amor e do p zer que não esperaram contrar entre nós!

Para que essa obra, ou outra, para que esse sor do povo se realise, é prec que cada um dos nossos bitantes concorra com o quantum, afim de auxili a nossa Camara Municipa levar a effeito esse gran melhoramento que inicii contando encontrar apo auxilio e protecção em ca um dos seus municipes.

A' iniciativa, actividade zelo dos illustres e caprie sos presidente e vereado da Camara Municipal dev mos muitos melhorament que nos estão vindo muita utilida mou conta d'elle e forma que se o officio de terra,

mercado, e os beneficios
ruas da Tronqueira e
rsas no Matto Grosso,
onde se transita com
quer tempo e a qualquer
tranquillo e facilmente,
e não se fazia n'outro
po.

proveitemos, pois, o zelo,
ão e boa vontade da
a edilidade e proporcio-
os-lhe os meios q' carece
levar a effeito muitos
os melhoramentos que
ende iniciar, dos quaes
o precisamos, como se-
calçamento da rua For-
a que conduz à Praia de
a, por onde nem de car-
e póde transitar, sob pe-
e desloular-se o corpo
os solávancos dos car-
nas pedras infaceadas
o está tão mal calçada es-
ja.

embramos a s. ex. o sr.
idente da provincia a
ssidade que ha de se no-
um empregado que,
ante um vencimento ra-
el, tome conta dos uten-
s do theatro de Santa
el, pelos quaes, por meio
inventario, se respon-
lise com fiança idonea;
zele pela limpeza e aceio
edificio e conservação
objectos que delle fazem
e que as horas marca-
pelas companhias ou so-
tades particulares, para
s ensaios ou espectacu-
abra as portas do edifi-
e o illumine conveniente-
ite para o fim necessa-
Isto é de urgente neces-
de. Da maneira que está
lo dirigido o theatro não
ará que delle desappare-
um ou outro objecto,
por parte de qualquer
socios das duas—socie-
es que actualmente nel-
nsaiam, porque os con-
ramos incapazes disso,
nta a circumstancia de
em honestos e probos,
to todos os reconhece-
um desses in-
os de indus-

tria que em toda a parte onde
penetram tem em vista tira-
rem o alheio em proveito
proprio. O mal evita-se quan-
do se prevê e enquanto é
tempo.

A corveta «Trajano», se-
gundo telegramma do gover-
no, deverá ficar entre nós
durante algum tempo.

Será isso effeito das recla-
mações que o nosso collega
do *Commercio* tem feito em
bem da causa das necessida-
des da Capitania do porto da
nossa provincia? ou será um
meio de reter aqui esse na-
vio da nossa armada para
nos contentar provisoria-
mente? O governo lá sabe...
lá se entende.

Seja como fôr, o que que-
remos é, vão sendo attendi-
das as reclamações da im-
prensa que advoga os inte-
resses do povo.

Ao Sr. J. A. Coutinho, nos-
so redactor principal, coube
por sorteio a que se procedeu
o preenchimento do *lugar*
de Imperador do Divino Es-
pirito Santo, o que accitou
com satisfação.

Que incoherencia!..
O nosso chefe, que é repu-
blicano as areias, s'ra ac-
clamado Imperador!..

Felicitamol-o e felicitamos-
nos por isso.

Sobre os boatos que por
ahi correm de estarem as
febres paludosas grassan-
do consideravelmente nos
diferentes municipios do
norte da nossa capital, ha
um *que* de exagero, segun-
do tivemos occasião de veri-
ficar por pessoas que por lá
residem, de n'essa inteira
confiança, que nos asseve-
ram não passar d'um ou ou-
tro *caso* esse mesmo muito
raro, como quasi sempre a-
contece durante todos os pe-
riodos das quatro estações
annuaes. Comtudo, entende-
mos que o sr. dr. Paranaguá,
digno presi'ente desta pro-

vincia, e o dr. J. R. Raposo,
apto e cuidadoso medico da
saude publica, merecem os
maiores encomios pelos es-
forços que tem envidado a
bem de socorrer os poucos
indigentes que desse mal tem
sido acommettidos.

Andem assim.

A nossa illuminação cada
vez mais pessima. Não sabe-
mos nem queremos saber
quem é o seu empregario;
mas quem quer que elle seja,
ha de permittir-nos que em
bem da segurança e garantia
publica, lhe digamos com a
franqueza que nos caracteri-
sa que precisa mais capri-
cho no cumprimento dos
seus deveres.

Se a nossa capital não está
completamente ás escuras,
pouco falta, e nós precisamos
de luz.

Chamamos a attenção dos
leitores e das autoridades
competentes para a declara-
ção do nosso redactor em
chefe, inserta no lugar com-
petente.

Diz-se por ahi

que, segundo a opinião do
journal *O Paiz*, os negocios
da *Nação* vão para agua abaixo...

que, segundo tambem a
opinião do Sr. José Bonifacio
manifestada no Senado, em
um eloquente discurso, o ac-
tual gabinete é constituído
por homens defeituosos, sem
defeitos, mas com mazellas..

que, a *Regeneração*, or-
gão do Partido liberal nesta
capital, pensa como aquelle
distincto Senador, fazendo
excepção ao Sr. Camargo,
unico *nec plus ultra* da ac-
tual *troupe* governamental,
para metter ferro no Sr. Pa-
ranaguá da provincia e evitar
algum ataque ás caixas d'o-
culos dos prestimosos redac-
tores...

que o Mingote, incomo-
dado por não mudar a situa-
ção está resolvido a passar-
se para as fileiras republica-
nas...

que o Moreira, furioso por
perder um co-religionario
assim do pé para a mão, in-
duzio a militar no exercito
do partido liberal, em *lugar*
fileiras já mostrou o seu do-
nodo..

que o mesmo, quando se
lhe fala em republica, jura
defender a monarchia, consi-

tando com os soldados do
seu batalhão...

Que o sr. Elyseu, se o mi-
nisterio Saraiva entregar a
pasta aos conservadores,
passará com malas, baga-
gens e soldados do seu bata-
lhão para o exercito Republi-
cano...

Que o mesmo, se o exm da
provincia continuar na ad-
ministração da supra dita
mencionada, vai requerer á
illustre idellidade consessão
para levantar-lhe um monu-
mento... gotico!

que o dr. Raposo, empenha-se
com a mesma illustre idellidade
para indeferir a petição do sr.
Elyseu...

que o Felix da provincial concor-
da (ou com barbante) com a opini-
ão do Raposo...

que os unicos que não concor-
dam são o André Wendhausen e o
Germano Goeldner...

que os mesmos são muito gra-
tos a s. ex. da provincia...

que o sr. Elyeu vai reunir os
seus Augustos soldados na salinha
para criarem uma lei que tire aos
presidentes da provincia direito de
ordenarem á provincia o pagamen-
to em via aos professores publicos...

que o sr. André, se isso effectua-
r-se, deserta das fileiras liberaes
e assenta praça nas do batalhão
que o sr. Paranaguá lhe indicar...

que o sr. Goeldner, desejando
imitar o seu collega, pretende na-
turalisar-se e collocar-se na van-
guarda do partido classista, á som-
bra da bandeira hasteada pelo Sr.
Bayma...

que o Sr. C. Pires, quando sou-
be da resolução do Sr. Goeldner,
exclamara: Bravo! E, assim é que
verei engrossar as fileiras do exer-
cito classista...

que no meio deste embroglio só
não enxergam os que não querem
ver, que são os peiores cegos e não
ouvem os que não querem ouvir,
que são os peiores surdos, e...e...
ponto final.

Nemo.

Declarações

José de Araujo Coutinho
declara que, como redactor
d'esta folha, é responsavel
pela publicação dos artigos
mediatorias que n'ella sahi-
rem publicados, menos pela
dos insertos nas publica-
ções *pedido*, que por el-
le se responsabilisarão os
seus autores, na fórma da